

III Conferencia

Los aportes de Paulo Freire a la pedagogía crítica

Moacir Gadotti



Paulo Freire não gostava de rotular as pedagogias, mas, desde que introduziu a tese de que existe uma educação como prática da domesticação e uma educação como prática da liberdade, podemos dizer que existe uma pedagogia dogmática, por conseguinte, domesticadora e uma pedagogia dialéctica, crítica, interrogativa. Paulo Freire foi um crítico da educação do seu tempo. Sua “pedagogia do oprimido” insere-se no grande movimento da “pedagogia crítica”, também chamada de “radical” ou “revolucionária”, dependendo do contexto.

Muitos educadores, reunidos em “Círculos de Cultura”, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001, durante o *Fórum Social Mundial*, com razão referiam-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um “Manifesto” que assim se inicia: “No século que findou, dois projectos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois projetos antagónicos de sociedade: um subordina o social ao económico e ao imperio do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na

prioridade do social sobre o económico. Para que este novo mundo seja possível, é necessário que a toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como pré-condição. Esta educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém encina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”. Não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode “ser freireano” apenas cultivando suas idéias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Como dizia ele, na *Pedagogia da autonomia* (1997, p.86): “mundo não é um convite para transformá-lo”.

Paulo Freire colocou o oprimido no **palco da história**, pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contra-narrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ela valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o saber cotidiano. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras significações, tais como como conhecer, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o **saber cotidiano** do seu grupo social.

Uma noção que ele desenvolveu e que a distinguiu atoda a conotação neoliberal, era noção de **qualidade**. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ele nos falava de uma “nova qualidade”. A qualidade é todos (quantidade) terem acesso ao conhecimento e a relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é **empenho ético, alegria de aprender**. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a **competitividade**. O neoliberal negam a necessidades da **solidariedade**. Contudo, as pessoas não são competitivas, mas porque sabem enfrentar

seus problemas cotidianos junto com os outros e não individualmente.

Uma outra contribuição de Freire à história das idéias pedagógicas é a sua **concepção de currículo**. Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurricularidades e interculturalidade. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um **método** pedagógico ou uma **atitude** do professor. Elas se constituem numa verdadeira **exigência** da própria natureza do ato pedagógico. Paulo Freire, na prática, sabia trabalhar com **várias disciplinas** ao mesmo tempo: a etnografia, a teoria literaria, a filosofia, a política, a economia, a sociologia, etc. Trabalhava mais com teorias do que com disciplinas ou currículos que dizia deveriam ser ultrapassados. Para o ato pedagógico concorrem muitas ciencias. Paulo Freire trabalhava ao mesmo também com **várias perspectivas** teóricas: a do militante político, do filósofo da libertação, do cientista, do intelectual, do revolucionario, etc.

Para mostrar a contribuição de Paulo Freire à **pedagogia crítica** gostaria de destacar alguns aspectos de sua *teoria do conocimiento* e do seu conhecido “*método*”.

1. A sociedade brasileira e latino-americana da década de 60 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o “Método Paulo Freire”. A situação de intensa mobilização política desse período teve uma importancia fundamental na consolidação do pensamento de Paulo Freire, cujas origens remontam à década de 50. O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação de seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinámico,

rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teóricamente.

Por outro lado, na constituição do seu método pedagógico, Paulo Freire fundamentava-se nas ciências da educação, principalmente a psicologia e a sociologia; teve importância capital a **metodologia das ciências sociais**. A sua teoria da codificação e da de-codificação das palavras e temas geradores (interdisciplinaridade), caminhou passo a passo com o desenvolvimento da chamada **pesquisa participante**.

O que chamou a atenção dos educadores e políticos da época foi a fato de que o método Paulo Freire “acelerava” o processo de alfabetização de adultos. Paulo Freire não estava aplicando ao adulto alfabetizando o mesmo método de alfabetização aplicado às crianças. É verdade, outros já estavam pensando da mesma forma. Todavia, foi ele o primeiro a sistematizar e experimentar um método inteiramente criado para educação de adultos.

De maneira esquemática, podemos dizer que o “Métodos Paulo Freire” consiste em três momentos dialéctica e interdisciplinarmente entrelaçados:

a) A **investigação temática** pela qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas palavras e temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizados e do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são seleccionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular pode ser efetuada a través de encontros informais com os

moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo como eles, sentido suas preocupações e captando elementos de sua cultura.

b) A **tematização**, pela qual professor e aluno codificam e decodificam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados. É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita.

c) A **problematização**, na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido. Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando-o. Descobrem-se assim limites e possibilidades existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limite, isto é, de obstáculos ao processo de humanização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para libertação deve desembocar na *praxis transformadora*.

Paulo Freire não ficou nessas primeiras intuições sobre o método. Ao longo de sua vida desenvolveu-o mesmo não queria que sua **teoria de conhecimento** fosse reduzida a uma pura metodologia. Por isso não se pode destacar os passos do seu método sem entendê-los no contexto de sua epistemologia. Insisto ainda nesse ponto porque existem muitas leituras de Freire nas quais ele mesmo não se reconhecia, quer sejam leituras políticas dogmáticas, sectárias, quer sejam leituras pouco científicas e epistemologicamente pouco rigorosas.

Quais seriam, a meu ver, esses passos do seu “Método”?

1. **Ler o mundo.** Paulo Freire insitiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a leitura do mundo. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como condição do conhecimento (interesse, para Habermas) É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No seu último livro Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendiz, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação.
2. **Compartilhar a leitura do mundo lido.** Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare como a leitura do mundo de outras pessoas. O diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O diálogo com o outro não exclui o conflito. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro.

O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O meu está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a conhecimento só é válido quando eu compartilho com alguém. Novamente a comparação com o pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica.

3. **A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber.** Conhecer não é acumular conhecimentos, informa-oes ou dados. Conhecer implica mudança de atitude, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteundistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro, como no Relatório Jacques Delors da UNESCO (1998) onde ela está associada a **quatro grandes pilares: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.** Pela primeira vez percebermos os especialistas em educação que educar é

criar vínculos e não decorar conteúdos. Paulo Freire antecipou-se pelo menos 50 anos com o seu “Círculo de Cultura”, criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares e rompendo com a noção clássica de “aula”.

4. A Educação como prática da liberdade (libertação). Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o construtivismo crítico de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto a educação precisa reinstalar a esperança. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança.

Não é fácil entender o pensamento de Paulo Freire. Ele não pode ser lido como qualquer outra literatura pedagógica, pois ele não queria escrever textos tecnicamente pedagógicos. Os textos de Paulo são também textos literários e devem ser lidos também como textos literários. Paulo fora professor de português na juventude e continuou durante toda a vida a apresentar seus textos de forma literária. Paulo Freire deu o manuscrito de seu último livro Pedagogia da autonomia para Ângela Antunes, directora pedagógica do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, para uma revisão e introdução de títulos e intertítulos ao seu texto original, antes de ser enviado para a publicação. Ângela, professora de português, fez sugestões também de estilo. Por mais que ela argumentasse com Paulo Freire em favor de algumas mudanças literárias, na discussão final do texto, ele, em vários momentos, manteve sua primeira

redação. Sua primeira redação era definitiva, mesmo que “inacabada”, dizia ele. Ela era a expressão daquele momento; não era apenas científica, mas era também poética, literária. Paulo Freire reúne nos seus escritos o estilo literário, a linguagem científica e a linguagem poética. Não foi assim que foram escritos os grandes textos filosóficos?

2. A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado “Terceiro Mundo”. Creio que validade universal da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a quatro **intuições originais**:

1. Ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa. Toda obra de Paulo Freire está permeada pela ideia de que educar é conhecer, é ler o mundo para poder transformá-lo. Ele destacou, desde o início, a importância das metodologias, o que é muito atual. Foi acusado de não dar valor aos conteúdos e, por isso, de ser espontaneísta e não-directivo. Na verdade ele não foi nada disso: seu pensamento estava fortemente orientado por um projeto político-pedagógico cujo conteúdo era a libertação. As críticas de espontaneísmo de não-directividade não procedem.
2. Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afectivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de

pensar estão directamente ligados à relação com outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica.

3. A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas dessas necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos, educador e educando. Nos últimos anos Paulo Freire destacou também as necessidades planetárias trazidas ao debate pela ecologia, como necessidades humanas, fundamentais, ligadas por exemplo, ao saneamento básico, ao lixo, à água, à poluição do ar. Dia 17 de abril de 1997, poucos dias antes de flecter, ele falava de ecopedagogia, afirmando que amava a Terra, os bichos, as plantas. Dizia ele numa entrevista dada no Instituto Paulo Freire naquele dia: “Quero ser lembrado como alguém que amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a Terra”. Um dos seus últimos livros foi *À sombra desta mangueira* onde ele fala do prazer de respirar ar puro (uma das necessidades humanas), de entrar num rio despoluído, de pisar na grama, na areia da praia. E criticava a lógica capitalista que não valoriza esses prazeres gratuitos e por substituí-los por prazeres vendidos e comprados, prazeres que dão lucro. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas (necessidades humanas) por felicidades vendidas e compradas, que são, acima de tudo, necessidades do capital e, muitas vezes, não são necessidades hu-

manas; são necessidades impostas aos seres humanos, com a finalidade do lucro.

4. O planeamento comunitário, participativo, a gestão democrática, a pesquisa participante. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro no movimento pela Escola Cidadã, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar e transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o “Círculo de Cultura”, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de “aula”. Na sociedade do conhecimento de hoje isso é muito mais verdadeiro já que o “espaço escolar” é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e o planeta. Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a “cidade educativa” (Edgar Faure) mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

Abrir a escola para o mundo, como queria Paulo Freire, é uma das condições para a sua sobrevivência com dignidade, nessa travessia de milênio. O novo espaço paradigma escolar é o planeta porque a Terra tornou-se nosso endereço, para todos. O novo paradigma educativo funda-se na condição planetária da existência humana. A **planetaridade** é uma nova categoria que fundamenta o paradigma Terra, isto é, a visão utópica da Terra como um organismo vivo e em evolução, onde os seres humanos se organizam como uma única comunidade, compartilhando a mesma morada com outros seres e coisas.

3. As perspectivas atuais da educação estão marcadas hoje pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria sociedade atual. Fala-se em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional como a nossa.

Hoje as **teorias do conhecimento** na educação estão centradas na aprendizagem. Partindo do pensamento freireano, podemos afirmar pelo menos **sete teses** sobre a construção do conhecimento.

1. *O que é conhecer?* É construir categorias de pensamento, dizia Piaget. É ler o mundo e transformá-lo, dizia Freire. Conhecer é tudo isso – construção de categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo – mesmo porque não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que, ao conhecer, reconstrói o que conhece.
2. *Como se conhecer?* Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.
3. *O que conhecer?* Frente à disseminação e à generalização do conhecimento é necessário que a escola e o professor, a profesora, façam uma seleção crítica, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.
4. *Por que conhecer?* Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie, como diz Habermas.
5. *Conhecimento e intesse.* Antes de conhecer o sujeito se interessa por (Habermas), é curioso (Freire), é esperançoso (Ernst Bloch). Daí a importância do trabalho de sedução do professor, da profesora, frente ao aluno, à aluna. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço”, como dizia Paulo Freire no primeiro documento que

encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

6. *Todos podem conhecer*. Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nos educamos em comunhão (Freire).
7. *Só é cohecimento válido o conhecimento compartilhado*. (Método Paulo Freire).

Nós educadores sentimos falta ainda de outras teses, teses que nos ajudem a entender o ato de aprender, para entender-nos melhor o ato de ensinar. Para nós educadores não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, como aprender. As teses a seguir foram tiradas de múltiplas vivências, seja da minha prática, seja de teóricos que estudei, mas sobretudo da convivência de 23 anos com Paulo Freire. Aprendi dele muitas lições. Tivemos oportunidade, com frequência, de trocar idéias sobre isso. Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de escutar, de ensinar. Reuno aqui pelo menos sete teses sobre esse tema.

1. *Aprendemos a vida toda*. Não há tempo próprio para aprender.

2. *Aprender não é acumular conhecimentos*. Aprendemos histórica não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a histórica para fazermos história.

3. *O importante é aprender a pensar*. (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4. *É o sujeito que aprende* a través da sua experiência. Não é um coletivo que aprende.

5. *Aprende-se que é significativo* para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida.

6. *É preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7. *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”* (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, 1997, p. 25).

O conhecimento tem hoje um peso diferente do que tinha na era da industria. Vivemos numa época de desconforto, de desasossego. A modernidade nos fez muitas promesas que não foram cumpridas, nos diz Boaventura Santos em seu livro *Pela mão de Alice*. O trábalo desmaterializou-se. *Saber fazer* hoje tornou-se, por isso, mais cognitivo do que instrumental. Não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais *aprender a aprender e aprender a viver juntos*, a participar em projetos comuns. Aprender tornou-se sobretudo fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, *saber cuidar* de si, dos outros, das coisas, esses três “grandes mestres” de que nos fala Rousseau no primeiro livro do seu *Emílio*. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender.

4. O que mais preocupava Paulo Freire nos últimos anos era avanço de uma globalização capitalista neoliberal. Por que ele atacava tanto o **pensamento e a prática neoliberal**? Por que o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire que é a **utopia**. Enquanto o pensamento freireano é utópico o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é **possibilidade**. Para neoliberalismo o futuro é

fatalidade. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o Estado, os Sindicatos e os Partidos Políticos. Denuncia a política fazendo política. Paulo Freire atacava a **ética do mercado** sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma **ética integral** do ser humano. No seu livro *Pedagogia da autonomia* (p. 15) ele destacava: “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve a meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acinentadamente” imparcial, o que porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética” O anti-academicismo de Freire é conhecido. E assim termina o mesmo livro (p.165): Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa da arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência da simplicidade que não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente.

A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. **O ato pedagógico** é democrático por natureza, o **ato empresarial** orienta-se pela “lógica do controle”. O neoliberalismo consegue **naturalizar a desigualdade**. “É assim mesmo”, “Não há outra coisa a fazer”, ouve-se dizer. Por isso, Paulo Freire chama

nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da **subjetividade democrática**, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento. Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a **globalização** foie uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.

A concepção de mundo e a sua teoria sócio-plúctico-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo. Ele defende uma nova modernidade cuja racionalidade deve estar “molhada de afetividade”. Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural no processo de transformadora – transformar as condições de pressão-ela deve enraizar-se na **cultura dos povos**. A pós-modernidade se caracteriza pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista. A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Certos **críticos conservadores** afirmam que ele não tem uma *teoria do conhecimento* porque não estuda as relações entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Ele se interessaria apenas pelo produto. Isso não é verdade: antes de mais nada, o seu pensamento funda-se numa explícita teoria antropológica do conhecimento. Outros o acusam de *autoritarismo* afirmando que o seu método supõe a

transformação da realidade e nem todos desejam transformá-la. Por tanto, seria um método não científico (porque não aplicável universalmente). Seu método seria autoritário na medida em que ele obriga a todos a participarem na transformação. É claro que essa crítica ignora que Paulo Freire não aceita a ideia de uma teoria pura –para ele uma ilusão– mas numa *teoria crítica* enraizada numa filosofia social e política. Ele rejeita a ideia da neutralidade científica –como recusa o academicismo– e argumenta que os conservadores, sobre a capa da neutralidade política de uma teoria pura escondem a sua ideologia conservadora.

Paulo Freire deixou um grande legado que hoje atravessa, cruza e rompe fronteiras. Nessa travessia de milênio seu pensamento resurge e se renova em inúmeras experiências de educação popular, de educação continuada e informal, em escolas públicas e privadas, em políticas públicas, em diversas áreas do conhecimento, em diferentes profissões, confrontando-se com diferentes práticas e teorias. É um pensamento vivo e em evolução. Por isso não se trata de fazer uma leitura exegética do que ele escreveu. Trata-se de dar continuidade e de reinventar, na prática, as grandes intuições e motivações político-pedagógicas que orientaram seu pensar militante.